

ANIMAIS DOMÉSTICOS E ANIMAIS SILVESTRES: QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS?

Por Juliana
Machado
Ferreira



Várias histórias da Ruth têm animais em papéis muito importantes, algumas vezes fundamentais para o enredo, como no caso deste livro, *Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Wenceslau*. Além disso, algumas das histórias da Ruth já são “maiores de idade” faz bastante tempo, elas têm a idade dos seus pais e foram escritas há um bocado de tempo. E como muitas coisas mudaram desde então – o surgimento da internet, do celular, das redes sociais, novas tecnologias, remédios e vacinas –, também mudou a nossa relação com os animais. Por isso, achamos importante explicar algumas coisas e também fazer algumas ressalvas.

De maneira geral, pode-se dividir os animais em dois grandes grupos de acordo com a sua relação com os seres humanos: as **ESPÉCIES DOMÉSTICAS** e as **ESPÉCIES SILVESTRES**.

As espécies domésticas são aquelas que tiveram sua reprodução direcionada pelos seres humanos, com o objetivo de deixar certas características desejáveis mais comuns ou mais pronunciadas (por exemplo, mansidão, tolerância aos seres humanos, produção de leite, entre outros). Essa reprodução direcionada, também chamada de seleção artificial, fez com que, geração a geração, os filhotes ficassem cada vez com mais características desejáveis e mais diferentes dos seus ancestrais. Até que, a partir de um certo ponto, passaram a ser consideradas como espécies diferentes daquelas que as originaram.

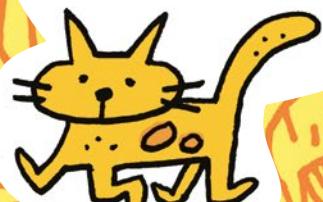




Essas espécies resultantes, que chamamos de domésticas, como o porco, a vaca, o cão, o gato, vivem em estreita dependência com as pessoas e já não têm mais funções na natureza, como as ancestrais tinham. Mesmo que alguns indivíduos de espécies domésticas passem a viver na natureza, eles são chamados ferais ou asselvajados, mas ainda pertencem a uma espécie considerada doméstica.

Por outro lado, as espécies que ocorrem naturalmente livres na natureza – como papagaios, onças, curiós, tamanduás, tatus, serpentes, iguanas, sapos, entre muitas outras – são chamadas silvestres. As espécies silvestres têm “trabalhos” muito importantes a fazer na natureza, que são as suas funções ecológicas. Mesmo que indivíduos dessas espécies sejam mantidos em ambiente doméstico – na casa das pessoas –, eles ainda são de espécies consideradas silvestres.

A forma como os animais que aparecem em histórias são retratados pode gerar consequências para os leitores, como medo (de lobos, onças e leões, por exemplo), vontade de ter em casa (papagaios, passarinhos, coelhos, cães e gatos), entre outros sentimentos. É por isso que é preciso ter cuidado e responsabilidade ao se retratar animais, mas, claro, nunca abrindo mão da graça, da imaginação, da fantasia e do que os animais podem nos ajudar a representar na história.





O primeiro de tudo, e mais importante, é lembrar que na vida real, fora das simbologias que representam nas histórias, animais dos mais diferentes grupos, tanto de espécies domésticas quanto silvestres (de cães a onças, de aves a macacos, passando por cobras, sapos, até invertebrados, como polvos e talvez lagostas, entre muitos outros), são o que chamamos de sencientes, ou seja, são capazes de sentir. Todos esses animais sentem dor, frio, medo, fome. E diversos cientistas sérios acreditam que muitos deles também podem ter até algum tipo de consciência de si, de percepção da sua experiência individual. Nesse contexto, é fundamental, importantíssimo, crucial (mas muito importante mesmo!) que os animais sejam bem tratados, que estejam livres de fome, frio, medo, doenças, que tenham comida, abrigo, cuidados veterinários e que possam exibir minimamente os seus comportamentos naturais, seja voar em bando, subir em árvores... até catar parasitas dos pelos uns dos outros!

Certas situações – como cortar o rabo de um macaco, ou enrolar o bico de um papagaio com esparadrapo – são aceitáveis no contexto das histórias (e até muito engraçadas), mas devem ser entendidas exclusivamente como tal e seriam absolutamente inaceitáveis em uma situação real. Mas todos sabemos – e a Ruth sabe mais ainda – que as crianças são muito inteligentes e capazes de diferenciar uma coisa da outra!





Em segundo lugar, precisamos mudar a percepção, que era comum até pouco tempo atrás, de que os animais servem para o entretenimento das pessoas. Eles não são ferramentas de entretenimento nem produtos que podem ser tratados como coisas. Pelo contrário, eles são seres que têm direito intrínseco à vida e valor por si só. Não existem para nos entreter ou pelo seu valor em dinheiro.

Em terceiro, quando as histórias trazem animais de espécies silvestres – papagaios ou macacos, por exemplo –, é importante lembrar que, além de terem direito intrínseco à vida e ao bem-estar, eles ainda possuem importantes funções na natureza. Mostrar um animal silvestre em um contexto doméstico, principalmente em situações engraçadas, pode gerar um desejo nas pessoas de também ter em casa animais como esses, o que poderia incentivar a captura deles da natureza. E como eles têm importantes funções na natureza, se forem capturados, não poderão mais cumprir os seus trabalhos e farão muita falta! Quem iria, por exemplo, comer os frutos e sair por aí plantando as sementinhas das árvores (que depois cresceriam e dariam mais frutos e abrigo para tantos animais, cujas raízes segurariam o solo –, garantindo a manutenção dos cursos de água, e cujas folhas devolveriam para a atmosfera oxigênio e umidade)? Ou comer insetinhos e pragas e garantir que as populações desses animais fiquem controladas?



Por fim, é importante lembrar que todo animal silvestre é um reservatório potencial de doenças que podem ser passadas para pessoas, animais domésticos ou de criação.

Assim, o melhor para os animais silvestres é que eles estejam livres natureza, cumprindo suas funções ecológicas, em ambientes em constante mudança, evoluindo como espécies ao longo do tempo e continuando a evolução das infinitas formas de grande beleza, como diria Charles Darwin!

É por isso que temos que entender a presença dos animais nas histórias como símbolos ou como fantasias. Seria muito bom também se cada vez mais as pessoas tratassesem os animais menos com exploração e mais com parceria. Esse olhar cuidadoso é tudo que precisamos!

E agora, boas leituras e muito divertimento!

Apixonada pela natureza e especialmente por animais desde a infância, Juliana M. Ferreira é Diretora Executiva da divisão da Freeland para a América do Sul (www.freeland.org.br) e lidera os projetos de enfrentamento ao tráfico de espécies silvestres na região.

É formada em Ciências Biológicas, com mestrado e doutorado em Biologia (Genética), e foi voluntária/cientista visitante no US FWS National Forensics Laboratory. Foi nomeada TED Fellow e Senior Fellow, Exploradora Emergente da National Geographic, recebeu o prêmio categoria Coragem de reconhecimento para mulheres em Ciência e Exploração da organização Wings World Quest, e o prêmio Parcerias pela Conservação, da Interpol.

Atualmente, também faz parte da Comissão da Lancet-PPATS para prevenção de spillovers virais e do Grupo Diretivo da End Wildlife Crime Initiative (<https://endwildlifecrime.org/>).

